

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA
13 de Novembro de 2024

LA SIXIÈME FACE DU PENTAGONE / 1968

um filme de CHRIS MARKER e FRANÇOIS REICHENBACH

Realização, Argumento: Chris Marker, François Reichenbach (Um filme Slon - Société pour le Lancement des Oeuvres Nouvelles) / **Comentário:** Chris Marker / **Operador de câmara:** François Reichenbach, Tony Daval / **Som:** Antoine Bonfanti, Harald Maury / **Fotografias:** Mark Ribaud / **Montagem:** Carlos de los Llanos.

Produção: Pierre Braunberger, Films de la Pléiade / **Cópia:** DCP, cor e preto e branco, legendado eletronicamente em português, 28 minutos / Grande Prémio Oberhausen 1968 / Inédito comercialmente em Portugal.

LA BATAILLE DES DIX MILLIONS / 1970

um filme de CHRIS MARKER

Realização, Argumento e Comentário: Chris Marker / **Operador de câmara:** Santiago Alvarez / **Montagem:** Chris Marker, Valérie Mayoux / **Música:** Lée Brouwer / **Locução:** Georges Kiejman, Édouard Luntz.

Produção: Slon (Société pour le Lancement des Oeuvres Nouvelles), ICAIC (Instituto Cubano del Arte e Industrias Cinematográficos), K.G. Production, RTB (França, Cuba) / **Cópia:** 16mm, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 58 minutos / **Estreia Comercial:** Fevereiro de 1971, França / Inédito comercialmente em Portugal.

La Sixième Face du Pentagone documenta a grande marcha realizada a 21 de outubro de 1967, em Washington, contra a Guerra do Vietname, em direcção ao Pentágono. Tal manifestação, que reuniu mais de cem mil pessoas, constituiu a primeira grande acção que deu sequência aos protestos dos estudantes norte-americanos nos campus universitários. Chris Marker e François Reichenbach, acompanhados pela restante equipa da Slon – Société pour le Lancement des Oeuvres Nouvelles, documentam assim a preparação e a realização de tal grande movimento que visava o “centro nevrálgico da defesa americana”, como descreve o comentário de autoria de Marker, “e o maior edifício administrativo do mundo, cérebro ou polvo, cidade dentro da cidade. Estado dentro do Estado (...) o lugar do mundo onde a densidade de militares por quilómetro quadrado é a mais elevada, à excepção dos cemitérios.”

Como nos revela o filme, estavam aqui reunidas várias correntes da opinião pública norte-americana, estudantes, antigos combatentes, activistas pró-comunistas, “hippies”, republicanos, conservadores, todos eles empenhados em pôr fim à guerra

do Vietname. Mas tal manifestação envolveu ainda alguns neonazis, que partilham a opinião contrárias, mas que se diluem no meio da multidão que se mobiliza pelo fim da guerra e pela paz.

La Sixième Face du Pentagone traça ainda uma relação directa com a realidade cubana (retratada no segundo filme da sessão), salientado como as imagens de Che Guevara estão presentes em toda a manifestação: “é o denominador comum da luta contra a Guerra do Vietname, da revolta dos negros, da solidariedade com o Terceiro Mundo, da vontade de transformar a sociedade.” Iniciada como uma marcha pacífica, a manifestação acabará com a ocupação do terraço do Pentágono e com numerosas prisões. Vários excertos do filme serão reutilizados por Marker em **Le Fond de L’Air est Rouge** (1977), o seu grande fresco sobre os movimentos revolucionários dos anos que o precedem.

La Bataille Des Dix Millions é o segundo encontro entre Chris Marker e a revolução cubana, sucedendo a **Cuba, Si!** (1961). Um famoso discurso que envolvia uma componente de autocrítica face à política cubana, proferido por Fidel Castro para as câmaras televisivas a 26 de Julho de 1970, introduz a análise que Chris Marker faz desse ano histórico em Cuba. Algum tempo antes, Fidel havia lançado um desafio à população cubana para que esta fizesse todos os esforços no sentido de duplicar a produção de cana-de-açúcar como única forma de evitar o declínio catastrófico da economia e reembolsar a dívida para com os países socialistas. Não obstante o esforço e a mobilização sem precedentes de um povo que testemunharemos ao longo do filme, perceberemos rapidamente que o ambicioso objectivo não foi atingido. “Inquieto, mas não pessimista. Porque não era essa a sua natureza”, é o comentário que se cola ao discurso e à imagem de Fidel, que é acompanhado por uma música de tom elegíaco.

Passados dez anos sobre **Cuba, Si!**, filme polémico realizado no calor da Revolução cubana, Chris Marker voltou à terra de Fidel quando “Cuba já não estava na moda”. As mordazes palavras são do cineasta, que prossegue explicando a sua posição. “Nós europeus gostamos assaz dos povos em luta, na condição que sejam totalmente mártires ou totalmente vitoriosos. Quando já não se prestam mais para manifestos inflamados ou para teatro militante, quando a luta se trava no terreno sem prestígio da realidade quotidiana, das dificuldades quotidianas com tudo o que têm de desagradável, desviamo-nos deles...” Adoptando uma posição crítica face à realidade, se bem que assumidamente a favor da revolução cubana, o filme não se centrará apenas no grande esforço da “zafra”, a chamada colheita ou batalha dos 10 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, mas também nas dificuldades sentidas pelo povo cubano no seu dia-a-dia.

Impresso sobre imagens registadas por Santiago Alvarez num granuloso preto e branco, imagens documentais de uma população em dificuldades que desaceleram frequentemente até à imobilização fotográfica, o filme tem como principal slogan “No Hay”. Uma expressão que caracteriza a realidade de um povo que, segundo o comentário, não só enfrenta as dificuldades de um esforço produtivo tão ambicioso, como as dificuldades que decorrem da necessidade de protecção face ao inimigo estrangeiro. “Cuba enfrenta dois desafios: construir e defender o que constrói”.

Fotografias captadas na Bolívia, no Brasil ou em Cuba nas décadas de 50 e 60, em que vemos crianças malnutridas ao som de música revolucionária, ilustram a solidariedade entre os países mais pobres da América Latina, apontando simultaneamente para a habitual heterogeneidade de materiais convocada pelo cinema de Chris Marker. Solidariedade contra dois inimigos, que são descritos como um único que impede o desenvolvimento da América Latina: *“Imperialismo Americano*

+ *Pobreza*". Complementarmente, no estilo habitual do cinema directo, uma voz interroga pessoas na rua sobre o que perguntariam a Lenine, mas a maioria revela que não o conhece.

São assim imagens e sons de várias naturezas que antecedem o registo do monumental início da "zafra", captado por uma câmara aérea que, pelo seu aparato, espelha a monumentalidade de um trabalho que junta todos os cubanos: agricultores, operários, incluindo o próprio Fidel. A selecção musical que acompanha a montagem de todo este material não será contudo a ideal pois, pouco depois de um primeiro "Ave Maria", ouvimos a parte instrumental de "While my Guitar Gently Sleeps", dos Beatles, que embala imagens do trabalho.

Um elogio às capacidades oratórias de Fidel (que tem hoje muito de irónico), reforça longos e intermináveis discursos em prol da melhoria dos recursos produtivos em benefício do povo. Face ao "Pátria o Muerte/Unidos Venceremos" do final, não poderemos deixar de colocar uma questão: filme de propaganda ou documentário relativamente neutro sobre uma realidade complexa? Esta foi também a questão que teve uma influência determinante na distribuição francesa do filme anterior de Marker sobre Cuba, impedindo durante muito tempo a sua circulação (sendo que em anos mais recentes foi o próprio cineasta que impediu a sua distribuição, razão pela qual não o exibimos nesta retrospectiva que se pretende integral). Marker está aqui inteiramente ao lado de Fidel Castro e com o seu discurso de abertura que, como referirá num texto que escreveu a propósito do filme, corresponde para ele à "primeira vez no mundo em que um dirigente de um país pronuncia um discurso autocrítico, no qual se encontram tantos dados sobre a economia política quantas as informações históricas, tantos raciocínios sobre a derrota quantos os encorajamentos. Um discurso fluente que irá direito ao coração de milhões de cubanos."

Produzido pela Slon (Société pour le Lancement des Oeuvres Nouvelles), que poucos anos antes foi responsável por filmes políticos tão importantes como **Loín do Vietnam** (1967) – poderoso filme colectivo no qual Chris Marker, mas também William Klein, Jean-Luc Godard ou Agnès Varda, expressam o seu apoio ao povo vietnamita –; **À Bientôt, J'Espère** (1968) – documentário de Marker que, um ano antes do Maio de 68, acompanha um grupo de trabalhadores franceses em greve, que reclamam não só melhores salários, mas também melhores condições de vida, antecipando assim o que se passaria no resto da França –; ou **Classe de Lutte** (1969) – a resposta dos operários da fábrica Rhodiaceta a **À Bientôt, J'Espère** –; **La Bataille des Dix Millions** é um dos grandes exemplos de um cinema assumidamente militante, que correspondeu a um longo e profícuo período da obra de Chris Marker.

Joana Ascensão